

Via-Láctea, de Olavo Bilac

Fonte:

BILAC, Olavo. *Antologia : Poesias*. São Paulo : Martin Claret, 2002. p. 37-55 : Via-Láctea. (Coleção a obra-prima de cada autor).

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro
<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> A Escola do
Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Anamaria Grunfeld Villaça Koch – São Paulo/SP

Este material pode ser redistribuído livremente,
desde que não seja alterado, e que as informações
acima sejam mantidas. Para maiores informações,
escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários
para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer
ajudar de alguma forma, mande um e-mail para
<bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.*

VIA-LÁCTEA
Olavo Bilac

I

Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via
Que, aos raios do luar iluminada,
Entre as estrelas trêmulas subia
Uma infinita e cintilante escada.

E eu olhava-a de baixo, olhava-a... Em cada
Degrau, que o ouro mais límpido vestia,
Mudo e sereno, um anjo a harpa dourada,
Ressoante de súplicas, feria...

Tu, mãe sagrada! Vós também, formosas
Ilusões! sonhos meus! íeis por ela
Como um bando de sombras vaporosas.

E, ó meu amor! eu te buscava, quando
Vi que no alto surgias, calma e bela,
O olhar celeste para o meu baixando...

II

Tudo ouvirás, pois que,
bondosa e pura Me
ouves agora com o
melhor ouvido: Toda a
ansiedade, todo o mal
sofrido Em silêncio, na
antiga desventura

Hoje, quero, em teus
braços acolhido,
Rever a estrada
pavorosa e escura
Onde, ladeando o
abismo da loucura,
Andei de pesadelos
perseguido.

Olha-a: torce-se toda
na infinita Volta dos
sete círculos do
inferno... E nota
aquele vulto: as
mãos eleva,

Tropeça, cai, soluça,
arqueja, grita, Buscando
um coração que foge, e
eterno Ouvindo-o perto
palpitar na treva.

III

Tantos esparsos vi
profusamente Pelo
caminho que, a
chorar, trilhava!
Tantos havia, tantos!

E eu passava Por
todos eles frio e
indiferente...

Enfim! enfim! pude
com a mão tremente
Achar na treva aquele
que buscava... Por que
fugias, quando eu te
chamava, Cego e triste,
tateanto, ansiosamente?

Vim de longe, seguindo
de erro em erro, Teu
fugitivo coração
buscando E vendo
apenas corações de
ferro.

Pude, porém, toca-lo
soluçando... E hoje,
feliz, dentro do meu o
encerro, E ouço-o, feliz,
dentro do meu
pulsando.

IV

Como a floresta secular,
sombria Virgem do

passo humano e do
machado, Onde apenas,
horrendo, ecoa o brado
Do tigre, e cuja agreste
ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,
Assim também, da luz
do amor privado,
Tinhas o coração ermo
o fechado,
Como a floresta secular, sombria...

Hoje, entre os ramos,
a canção sonora
Soltam festivamente
os passarinhos. Tinge
o cimo das árvores a
aurora...

Palpitam flores,
estremecem ninhos... E
o sol do amor, que não
entrava outrora, Entra
dourando a areia dos
caminhos.

V

Dizem todos:

“Outrora como as
aves Inquieta, como
as aves tagarela,
E hoje... que tens? Que
sisudez revela Teu ar!
que idéias e que modos
graves!

Que tens, para que em
pranto os olhos laves? Sê
mais risonha, que serás
mais bela!” Dizem. Mas
no silêncio e na cautela
Ficas firme e trancada a
sete chaves...

E um diz: “Tolices, nada
mais!” Murmura Outro:
“Caprichos de mulher
faceira!” E todos eles
afinal: “Loucura!”

Cegos que vos cansais
a interrogá-la! Vê-la
bastava; que a paixão
primeira Não pela
voz, mas pelos olhos
fala.

VI

Em mim também, que
descuidado vistes,
Encantado e aumentando
o próprio encanto, Tereis
notado que outras cousas
canto Muito diversas das
que outrora ouvistes.

Mas amastes, sem
dúvida... Portanto,
Meditais nas tristezas que
sentistes: Que eu, por
mim, não conheço cousas
tristes, Que mais aflijam,
que torturem tanto.

Quem ama inventa as
penas em que vive: E,
em lugar de acalmar as
penas, antes Busca novo
pesar com que as avive.
Pois sabeis que é por isso
que assim ando: Que é
dos loucos somente e
dos amantes Na maior
alegria andar chorando.

VII

Não têm faltado bocas
de serpentes, (Dessas
que amam falar de todo
o mundo, E a todo o
mundo ferem,
maldizentes) Que digam:
“Mata o teu amor
profundo!

Abafa-o, que teus passos
imprudentes Te vão
levando a um pélago sem
fundo... Vais te perder!”
E, arreganhando os
dentes, Movem para o teu
lado o olhar imundo:

“Se ela é tão pobre, se
não tem beleza, Irás
deixar a glória
desprezada
E os prazeres perdidos por tão pouco?

Pensa mais no futuro e
na riqueza!” E eu penso
que afinal... Não penso
nada: Penso apenas que

te amo como um louco!

VIII

Em que céus mais azuis,
mais puros ares, Voa
pomba mais pura? Em
que sombria Moita mais
nívea flor acaricia,
À noite, a luz dos límpidos luares?

Vives assim, como a
corrente fria, Que,
intemerata, aos
trêmulos olhares Das
estrelas e à sombra
dos palmares, Corta o
seio das matas,
erradia.

E envolvida de tua virgindade,
De teu pudor na
cândida armadura,
Foges o amor,
guardando a
castidade,

- Como as montanhas,
nos espaços francos
Erguendo os altos

píncaros, a alvura
Guardam da neve que lhes
cobre os flancos.

IX

De outras sei que se mostram menos frias,
Amando menos do
que amar pareces.
Usam todas de
lágrimas e preces:
Tu de acerbos risadas e ironias.

De modo tal minha
atenção desvias,
Com tal perícia meu
engano teces,
Que, se gelado o coração tivesses,
Certo, querida, mais ardor terias.

Olho-te: cega ao meu
olhar te fazes... Falo-te – e
com que fogo a voz
levanto! – Em vão...
Finges-te surda às minhas
frases...

Surda: e nem ouves
meu amargo pranto!
Cega: e nem vêes a nova

dor que trazes À dor
antiga que doía tanto!

X

Deixa que o olhar do
mundo enfim devasse Teu
grande amor que é teu
maior segredo! Que terias
perdido, se, mais cedo,
Todo o afeto que sentes se mostrasse?

Basta de enganos!
Mostra-me sem medo Aos
homens, afrontando-os face
a face: Quero que os
homens todos, quando eu
passe, Invejosos,
apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais!
Ando tão cheio Deste
amor, que minh'alma
se consome De te
exaltar aos olhos do
universo...

Ouço em tudo teu
nome, em tudo o leio:
E, fatigado de calar teu

nome,
Quase o revelo no final de um verso.

XI

Todos esses louvores,
bem o viste, Não
conseguiram
demudar-me o aspecto:
Só me turbou esse
louvor discreto
Que no volver dos olhos traduziste...

Inda bem que
entendeste o meu
afeto E, através destas
rimas, pressentiste
Meu coração que
palpitava, triste,
E o mal que havia dentro em mim secreto.
Ai de mim, se de lágrimas inúteis
Estes versos banhasse,
ambicionando Das
néscias turbas os
aplausos fúteis!

Dou-me por pago, se um
olhar lhes deres: Fi-los
pensando em ti, fi-los

pensando Na mais pura
de todas as mulheres.

XII

Sonhei que me
esperavas. E, sonhando,
Saí ansioso por te ver:
corria...

E tudo, ao ver-me tão
depressa andando,
Soube logo o lugar para
onde eu ia.

E tudo me falou, tudo! Escutando
Meus passos, através da ramaria,
Dos despertados
pássaros o bando:
“Vai mais depressa!
Parabéns!” dizia.

Disse o luar: “Espera!
Que eu te sigo: Quero
também beijar as faces
dela!” E disse o aroma:
“Vai, que eu vou
contigo!”

E cheguei. E, ao chegar,
disse uma estrela:

“Como és feliz! como és
feliz, amigo, Que de tão
perto vais ouvi-la e
vê-la!”

XIII

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu
vos direi, no entanto, Que,
para ouvi-las, muita vez
desperto E abro as janelas,
pálido de espanto...

E conversamos toda a
noite, enquanto A
via-láctea, como um pátio
aberto, Cintila. E, ao vir do
sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu
deserto.

Dizeis agora:

“Tresloucado amigo!
Que conversas com elas?
Que sentido Tem o que
dizem, quando estão
contigo?”

E eu vos direi:”Amai

para entende-las! Pois
só quem ama pode ter
ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

XIV

Viver não pude sem que o
fel provasse Desse outro
amor que nos perverte e
engana: Porque homem sou,
e homem não há que passe
Virgem de todo pela vida
humana.

Por que tanta serpente
atra e profana Dentro
d'alma deixei que se
aninhasse? Por que,
abrasado de uma sede
insana, A impuros
lábios entreguei a face?

Depois dos lábios
sôfregos e ardentes,
Senti – duro castigo
aos meus desejos – O
gume fino de perversos
dentes...

E não posso das faces poluídas

Apagar os vestígios desses beijos
E os sangrentos sinais dessas feridas!

XV

Inda hoje, o livro do
passado abrindo,
Lembro-as e punge-me a
lembrança delas;
Lembro-as, e vejo-as,
como as vi partindo,
Estas cantando,
soluçando aquelas.

Umas, de meigo olhar
piedoso e lindo, Sob as
rosas de neve das
capelas;
Outras, de lábios de
coral, sorrindo,
Desnudo o seio,
lúbricas e belas...

Todas, formosas como tu,
chegaram, Partiram... e,
ao partir, dentro em meu
seio Todo o veneno da
paixão deixaram.

Mas, ah! Nenhuma teve

o teu encanto, Nem teve
olhar como esse olhar,
tão cheio De luz tão viva,
que abrasasse tanto!

XVI

Lá fora, a voz do
vento ulule rouca!
Tu, a cabeça no meu
ombro inclina, E essa
boca vermelha e
pequenina
Aproxima, a sorrir, de minha boca!
Que eu a fronte
repouse ansiosa e louca
Em teu seio, mais alvo
que a neblina Que, nas
manhãs hiemais, úmida
e fina, Da serra as
grimpas verdejantes
touca!

Solta as tranças agora,
como um manto! Canta!
Embala-me o sono com
teu canto! E eu, aos
raios tranqüilos desse
olhar,

Possa dormir sereno, como o rio
Que, em noites calmas,
sossegado e frio, Dorme
aos raios de prata do
lunar!...

XVII

Por estas noites frias e brumosas
É que melhor se pode
amar, querida! Nem
uma estrela pálida,
perdida
Entre a névoa, abre as pálpebras medrosas...

Mas um perfume cálido de rosas
Corre a face da terra
adormecida... E a névoa
cresce, e, em grupos
repartida, Enche os ares
de sombras vaporosas:

Sombras errantes,
corpos nus, ardentes
Carnes lascivas... um
rumor vibrante De
atritos longos e de
beijos quentes...

E os céus se estendem,
palpitando, cheios Da
tépida brancura
fulgurante
De um turbilhão de

braços e de seios.

XVIII

Dormes... Mas que
sussuro a umedecida
Terra desperta? Que
rumor enleva As
estrelas, que no alto a
Noite leva Presas,
luzindo, à túnica
estendida?

São meus versos! Palpita
a minha vida Neles,
falenas que a saudade
eleva De meu seio, e que
vão, rompendo a treva,
Encher teus sonhos,
pomba adormecida!

Dorme, com os seios
nus, no travesseiro Solto

o cabelo negro ... e
ei-los correndo,
Doudejantes, subtis, teu
corpo inteiro...
Beijam-te a boca tépida e macia,
Sobem, descem, teu
hálito sorvendo... Por
que surge tão cedo a
luz do dia?!...

XIX

Sai a passeio, mal o dia nasce,
Bela, nas simples roupas vaporosas;
E mostra às rosas do jardim as rosas
Frescas e puras que possui na face.

Passa. E todo o jardim,
por que ela passe,
Atavia-se. Há falas
misteriosas
Pelas moitas,
saudando-a
respeitosas... É como
se uma sílfide
passasse!

E a luz cerca-a, beijando-a. O
vento é um choro...

Curvam-se as flores
trêmulas... O bando Das aves
todas vem saúda-la em coro...

E ela vai, dando ao sol
o rosto brando, Às aves
dando o olhar, ao vento
o louro Cabelo, e às
flores os sorrisos
dando...

XX

Olha-me! O teu olhar
sereno e brando
Entra-me o peito,
como um largo rio
De ondas de ouro e de luz,
límpido, entrando O ermo
de um bosque tenebroso e
frio.

Fala-me! Em grupos
doutejantes, quando
Falas, por noites cálidas
de estio,
As estrelas acendem-se, radiando,
Altas, semeadas pelo céu sombrio.

Olha-me assim! Fala-me

assim! De pranto Agora,
agora de ternura cheia,
Abre em chispas de fogo essa pupila...

E enquanto eu ardo em
sua luz, enquanto Em
seu fulgor me abraso,
uma sereia
Soluce e cante nessa voz tranqüila!

XXI

A minha mãe

Sei que um dia não há
(e isso é bastante A esta
saudades, mãe!) em que
a teu lado Sentir não
julgues minha sombra
errante, Passo a passo a
seguir teu vulto amado.

- Minha mãe! minha
mãe! – a cada instante
Ouves. Volves, em
lágrimas banhado, O
rosto, conhecendo
soluçante
Minha voz e meu passo costumado.

E sentes alta noite no teu leito

Minh'alma na tua
alma repousando,
Repousando meu
peito no teu peito...

E encho os teus sonhos, em
teus sonhos brilho, E abres
os braços trêmulos,
chorando, Para nos braços
apertar teu filho!

XXII

A Goethe

Quando te leio, as cenas animadas
Por teu gênio, as
paisagens que imaginas
Cheias de vida, avultam
repentinas, Claramente
aos meus olhos
desdobradas...

Vejo o céu, vejo as serras coroadas
De gelo, e o sol, que o
manto das neblinas
Rompe, aquecendo as
frígidas Campinas E
iluminando os vales e as
estradas.

Ouço o rumor soturno da charrua,
E os rouxinóis que, no
carvalho erguido, A voz
modulam de ternuras
cheia:

E vejo, à luz tristíssima da lua,
Hermann, que cisma,
pálido, embebido No
meigo olhar da loura
Dorotéia.

XXIII

De Calderón

Laura! dizes que Fábio
anda ofendido E,
apesar de ofendido,
namorado,
Buscando a extinta chama do passado
Nas cinzas frias avivar do olvido.

Vá que o faça, e que o
faça por perdido De amor
... Creio que o faz por
despeitado: Porque o
amor, uma vez
abandonado, Não torna a
ser o que já tinha sido.

Não lhe creias no olhos
nem na boca, Inda
mesmo que os vejas,
como pensas, Mentir
carícias, desmentir
tristezas...

Porque finezas sobre
arrufos, louca, Finezas
podem ser; mas, sobre
ofensas, Mais parecem
vinganças que finezas.

XXIV

A Luís Guimarães

Vejo-a, contemplo-a
comovido... Aquela Que
amaste, e, de teus
braços arrancada,
Desceu da morte a
tenebrosa escada,
Calma e pura aos meus
olhos se revela.

Vejo-lhe o riso plácido, a singela
Feição, aquela graça delicada,
Que uma divina mão

deixou vazada No
eterno bronze,
eternamente bela.

Só lhe não vejo o olhar
sereno e triste: - Céu,
poeta, onde as asas,
suspirando, Das liras de
ouro as gemedouras
cordas...

XXV

A Bocage

Tu, que no pego impuro das orgias
Mergulhavas ansioso
e descontente, E,
quando à tona vinhas
de repente,
Cheias as mãos de pérolas trazias;

Tu, que do amor e
pelo amor vivias, E
que, como de límpida
nascente,
Dos lábios e dos olhos a torrente
Dos versos e das lágrimas vertias;
Mestre querido! viverás, enquanto

Houver quem pulse o
mágico instrumento, E
preze a língua que
prezavas tanto:

E enquanto houver num
canto do universo Quem
ame e sofra, e amor e
sofrimento Saiba,
chorando, traduzir no
verso.

XXVI

Quando cantas,
minh'alma desprezando
O invólucro do corpo,
ascende às belas Altar
esferas de ouro, e,
acima delas,
Ouve arcanjos as cítaras pulsando.

Corre os países longes, que revelas
Ao som divino do teu
canto: e, quando
Baixas a voz, ela
também, chorando,
Desce, entre os claros grupo das estrelas.

E expira a tua voz. Do paraíso,

A que subira ouvindo-te , caído,
Fico a fitar-te pálido, indeciso...

E enquanto cismas,
sorridente e casta, A
teus pés, como um
pássaro ferido,
Toda a minh'alma trêmula se arrasta...

XXVII

Ontem – néscio que fui! - maliciosa
Disse uma estrela, a rir,
na imensa altura:
“Amigo! uma de nós, a
mais formosa
De todas nós, a mais formosa e pura,
Faz anos amanhã... Vamos! procura
A rima de ouro mais brilhante, a rosa
De cor mais viva e de
maior frescura!” E eu
murmurei comigo:
“Mentirosa!”

E segui. Pois tão cego fui por elas,
Que, enfim, curado
pelos seus enganos, Já
não creio em nenhuma
das estrelas...

E – mal de mim! – eis-me, a
teus pés, em pranto... Olha:
se nada fiz para os teus anos,
Culpa as tuas irmãs que enganam tanto!
XXVIII

Pinta-me a curva destes
céus... Agora, Erecta, ao
fundo, a cordilheira
apruma: Pinta as nuvens
de fogo de uma em
uma, E alto, entre as
nuvens, o raiar da
aurora.

Solta, ondulando, os véus
de espessa bruma, E o
vale pinta, e, pelo vale em
fora, A correnteza túrbida
e sonora
Do Paraíba, em torvelins de espuma.

Pinta; mas vê de que
maneira pintas... Antes
busques as cores da
tristeza, Poupando o
escrínio das alegres
tintas:

- Tristeza singular,
estranha mágoa De
que vejo coberta a
natureza,
Porque a vejo com os olhos rasos d'água.

XXIX

Por tanto tempo,
desvairado e aflito, Fitei
naquela noite o
firmamento, Que ainda
hoje mesmo, quando
acaso o fito, Tudo aquilo
me vem ao pensamento.

Saí, no peito o derradeiro grito
Calcando a custo, sem
chorar, violento... E o
céu fulgia plácido e
infinito,
E havia um choro no rumor do vento...

Piedoso céu, que a
minha dor sentiste! A
áurea esfera da lua o
ocaso entrava,
Rompendo as leves
nuvens transparentes;

E sobre mim, silenciosa e triste,
A via-láctea se desenrolava
Como um jorro de lágrimas ardentes.

XXX

Ao coração que sofre, separado
Do teu, no exílio em que
a chorar me vejo, Não
basta o afeto simples e
sagrado Com que das
desventuras me protejo.
Não me basta saber
que sou amado, Nem
só desejo o teu amor:
desejo Ter nos
braços teu corpo
delicado, Ter na boca
a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que
me consomem Não me
envergonham: pois maior
baixeza Não há que a
terra pelo céu trocar;

E mais eleva o coração
de um homem Ser de
homem sempre e, na

maior pureza, Ficar na
terra e humanamente
amar.

XXXI

Longe de ti, se escuto,
porventura, Teu nome,
que uma boca
indiferente Entre outros
nomes de mulher
murmura, Sobe-me o
pranto aos olhos, de
repente...

Tal aquele, que,
mísero, a tortura
Sofre de amargo
exílio, e tristemente A
linguagem natal,
maviosa e pura, Ouve
falada por estranha
gente...

Porque teu nome é
para mim o nome De
uma pátria distante e
idolatrada, Cuja
saudade ardente me

consome:

E ouvi-lo é ver a eterna
primavera E a eterna
luz da terra abençoada,
Onde, entre flores, teu
amor me espera.

XXXII

A um poeta

Leio-te: - o pranto dos
meus olhos rola: - Do
seu cabelo o delicado
cheiro, Da sua voz o
timbre prazenteiro,
Tudo do livro sinto que
se evola...

Todo o nosso romance:
- a doce esmola Do seu
primeiro olhas, o seu
primeiro Sorriso, -
neste poema
verdadeiro, Tudo ao
meu triste olhar se
desenrola.

Sinto animar-se todo o meu passado:
E quanto mais as

páginas folheio, Mais
vejo em tudo aquele
vulto amado.

Ouço junto de mim
bater-lhe o seio, E
cuido vê-la, plácida,
a meu lado, Lendo
comigo a página que
leio.

XXXIII

Como quisesse livre
ser, deixando As
paragens natais,
espaço em fora, A
ave, ao bafejo tépido
da aurora, Abriu as
asas e partiu
cantando.

Estranhos climas, longes
céus, cortando Nuvens e
nuvens, percorreu: e,
agora Que morre o sol,
suspende o vôo, e chora,
E chora, a vida antiga
recordando...

E logo,. O olhar
volvendo compungido
Atrás, volta saudosa do
carinho, Do calor da
primeira habitação...

Assim por largo tempo
andei perdido: - Ah!
que alegria ver de
novo o ninho, Ver-te, e
beijar-te a pequenina
mão!

XXXIV

Quando adivinha que
vou vê-la, e à escada
Ouve-me a voz e o meu
andar conhece, Fica
pálida, assusta-se,
estremece, E não sei por
que foge envergonhada.

Volta depois. À porta,
alvoroçada, Sorrindo,
em fogo as faces,
aparece: E talvez
entendendo a muda
prece De meus olhos,

adianta-se apressada.

Corre, delira, multiplica
os passos; E o chão, sob
os seus passos
murmurando, Segue-a de
um hino, de rumor de
festa...

E ah! que desejo de a
tomar nos braços, O
movimento rápido
sustando
Das duas asas que a paixão lhe empresta
XXXV

Pouco me pesa que
mofeis sorrindo Destes
versos puríssimos e
santos: Porque, nisto de
amor e íntimos prantos,
Dos louvores do
público prescindindo.

Homens de bronze! um
haverá, de tantos,
(Talvez um só) que, esta
paixão sentindo, Aqui
demore o olhar, vendo e
medindo O alcance e o

sentimento destes
cantos.

Será esse o meu
público. E, decerto,
Esse dirá: “Pode viver
tranqüilo Quem assim
ama, sendo assim
amado!”

E, trêmulo, de lágrimas
coberto, Há de estimar
quem lhe contou aquilo
Que nunca ouviu com
tanto ardor contado.